



A MATERNIDADE ATÍPICA SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA JUNGUIANA

Atypical motherhood under the gaze of Jungian psychology

Michele Cristina da Silveira Santos ¹

Mônica Perri Kohl Gregghi ²

¹Discente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru

²Orientadora e Docente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru

Resumo

A maternidade é uma experiência singular para cada mulher, marcada por responsabilidades, desafios e influências socioculturais. Nesse contexto, a maternidade atípica vivida por mães de crianças com desenvolvimento neurodivergente exige maior dedicação, reorganização familiar e acompanhamento terapêutico, geralmente assumidos pela mãe. A psicologia junguiana contribui para compreender essa vivência ao apresentar o arquétipo materno, símbolo universal de cuidado, proteção e ambivalência, que auxilia na ressignificação da experiência materna quando expectativas e idealizações não se concretizam. Este trabalho tem como objetivo compreender a maternidade atípica sob o olhar da psicologia junguiana, analisando como o arquétipo materno pode oferecer suporte emocional e simbólico às mães. Trata-se de uma revisão bibliográfica que reúne e sintetiza estudos sobre o tema. Os achados evidenciam que essa maternidade demanda profundas adaptações pessoais, sociais e familiares, gerando renúncias e sentimentos ambivalentes como amor, medo e frustração. Diante disso, espaços de escuta e acolhimento mostram-se fundamentais para o fortalecimento emocional das mães. Na perspectiva junguiana, a maternidade atípica também pode ser compreendida por meio do arquétipo da Grande Mãe, que integra tanto o aspecto nutridor quanto os desafios e limites da relação. Esses símbolos ajudam a iluminar o processo de luto pelo filho imaginado e a sobrecarga emocional, entendidos como parte da adaptação psíquica. Apesar das dificuldades, cada conquista da criança reforça a resiliência materna e revela que a maternidade atípica pode se constituir como um percurso de crescimento pessoal e simbólico.

Palavras-Chave: Maternidade atípica; Psicologia analítica; Resiliência materna; Relação mãe e filho.

Abstract

Motherhood is a unique experience for each woman, shaped by responsibilities, challenges, and cultural influences. In this context, atypical motherhood experienced by mothers of children with developmental differences requires greater dedication, family reorganization, and therapeutic support, which are often assumed primarily by the mother. Jungian psychology contributes to the understanding of this experience by presenting the maternal archetype, a universal symbol of care, protection, and ambivalence that helps resignify the maternal experience when expectations and idealizations are not fulfilled. This study aims to understand atypical motherhood from the perspective of Jungian psychology, examining how the maternal archetype can offer emotional and symbolic support to mothers. It is a literature review that gathers and synthesizes studies on the topic. The findings show that this form of motherhood demands profound personal, social, and family adaptations, generating renunciations and ambivalent feelings such as love, fear, and frustration. In this process, spaces for listening and emotional support are essential for strengthening maternal well-being. From a Jungian perspective, atypical motherhood can also be understood through the archetype of the Great Mother, which encompasses both the nurturing aspect and the challenges and limits present in the relationship. These symbols help illuminate the process of mourning the imagined child and the emotional overload, both seen as part of the psychic adaptation. Despite the challenges, each achievement of the child reinforces maternal resilience and reveals that atypical motherhood can become a path of personal and symbolic growth.

Key Words: Atypical motherhood; Analytical Psychology; Maternal resilience; Mother and son relationship.

Introdução

O sonho de ser mãe pode se iniciar ainda quando criança, quando muitas meninas brincam de boneca, cuidando, alimentando e ninando com todo o carinho. À medida que estas meninas crescem, esse desejo pode se transformar em um anseio mais profundo, repleto de expectativas e esperanças: a maternidade (Souza; Silva, 2025).

Ser mãe é um papel que envolve responsabilidades, desafios, alegrias, medos e inseguranças, e cada mulher pode experienciar essa fase de maneira única, desde a descoberta da gravidez até os primeiros anos do filho. É um processo cheio de aprendizado, crescimento e experiências transformadoras (Crisostomo; Grossi; Souza, 2019).

A maternidade pode ser definida como “o estado e qualidade de mãe”, e também, “relação de parentesco que liga a mãe aos filhos” (Maternidade, 2025). Para além de um grau de parentesco, observa-se, a partir da definição, que o termo traz uma conexão com o ato de ser mãe, no entanto, trata-se de experiências que são vivenciadas de formas únicas, considerando diferenças culturais e individuais (Benatti *et al.*, 2020). O componente cultural considera como as situações são compartilhadas e significadas socialmente, enquanto os componentes individuais destacam os traços singulares de cada um. Isso implica compreender que não se deve atribuir significados universais sobre a maternidade, cada mulher a concebe e vivencia de diferente forma (Benatti *et al.*, 2020).

Porém, há um conceito para classificar uma situação específica da maternidade, denominada maternidade atípica, que é o objeto de estudo deste trabalho. A maternidade atípica se refere à maternidade com dificuldades e necessidades específicas, com nuances próprias. Ocorre com as mães de crianças que apresentam um desenvolvimento atípico, que irá requerer inclusão e acompanhamento terapêutico frequente, bem como a reorganização de seus cuidadores, que geralmente são as próprias mães da criança (Viana; Benicasa, 2023).

Diferente da maternidade tradicional, a maternidade atípica inclui aspectos e desafios bem diferentes, e as mães geralmente são as que mais sofrem pela neurodivergência do filho, pois renunciam sua profissão, uma vida social, sonhos e planos (Pastorelli; Viana; Benicasa, 2024). Ser uma mãe atípica não deve ser encarado de maneira negativa ou depreciativa. Na verdade, esse conceito abrange a inclusão de aspectos não convencionais na maternidade tradicional, como ansiedades, preocupações e redes de apoio, tanto profissionais quanto pessoais, que se diferenciam. O objetivo de utilizar o termo “atípica” é validar e reconhecer a jornada dessas mulheres (Viana; Benicasa, 2023).

A maternidade atípica apresenta desafios desde o momento em que uma mãe descobre que seu filho é neurodivergente. Essa descoberta pode trazer sentimentos de desesperança, fazendo com que a mãe sinta que seus sonhos e desejos foram deixados de lado, já que sua vida irá exigir total dedicação ao filho. Além dos inúmeros questionamentos: como será seu desenvolvimento? No entanto, apesar das dificuldades, a maioria dessas mulheres vê a experiência de ser mãe de uma criança atípica como uma realização, celebrando cada dia e cada conquista ao longo do caminho (Bonnás, 2025; Garcia, 2024).

Para discutir sobre maternidade atípica, podemos considerar inicialmente o olhar de Carl Jung, apresentando os arquétipos. Para Jung, os arquétipos são imagens universais que residem no inconsciente coletivo da humanidade. O arquétipo da mãe representa a figura materna em suas diversas manifestações e simbolismos. Esse arquétipo é associado a características como nutrição, proteção, cuidado e amor incondicional. Este arquétipo pode se manifestar não apenas na figura da mãe biológica, mas também em outras figuras femininas que desempenham papéis de cuidado e apoio, como avós, cuidadoras ou até mesmo em representações mitológicas e literárias. Em suma, o arquétipo da mãe é um símbolo poderoso e multifacetado, sendo uma parte fundamental da psique humana e que pode assumir tanto aspectos positivos quanto negativos. O arquétipo da mãe influencia na formação de identidade e no desenvolvimento psicológico da criança (Garcia, 2024).

A idealização da maternidade, com a organização e expectativas da chegada do filho, nem sempre acontece na prática e existe a necessidade de reorganização dessas expectativas e a preparação para receber um filho com necessidades especiais. Esse pode ser um processo desafiador, mas necessário para o bem-estar emocional da mãe e da família como um todo (Crisostomo; Grossi; Souza, 2019). Para a psicologia Junguiana, é fundamental compreender e contribuir para com o ressignificar da maternidade atípica e no suporte às mães.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo compreender a maternidade atípica à luz da psicologia junguiana. Em adição, busca-se compreender, também, como ressignificar a maternidade para as futuras mães atípicas.

Metodologia

Esta revisão bibliográfica foi conduzida com o objetivo de analisar e sintetizar os principais estudos sobre a maternidade atípica, sob o olhar da psicologia Junguiana.

A seleção dos textos foi realizada em etapas, conforme descrito a seguir. Foram considerados artigos, teses, dissertações e livros publicados entre 2015 e 2025, como também literatura clássica anterior ao período de 10 anos – livros e artigos que foram complementados pelas mais recentes e que permanecem de caráter fundamental para definir conceitos sobre o tema, incluindo trabalhos que abordassem aspectos teóricos, empíricos ou clínicos relacionados, assim como excluídos ensaios teóricos

sem fundamentação empírica ou que não abordam de maneira direta o tema, artigos de opinião e outras fontes sem relevância ao tema, escritos em português, inglês e espanhol. Foram excluídos trabalhos que não apresentaram revisão teórica ou que não estavam disponíveis em acesso aberto ou institucional.

As buscas foram realizadas em bases de dados acadêmicas reconhecidas, como Web of Science, Google Acadêmico, Scielo, entre outros.

Foram utilizadas combinações de palavras-chave relacionadas ao tema, como maternidade, Jung, maternidade atípica, psicologia analítica, resiliência materna, para garantir uma busca abrangente.

Desenvolvimento

Diante da reorganização pessoal e familiar, marcada por demandas constantes e sentimentos ambivalentes que a maternidade atípica traz, o olhar Junguiano auxilia essa mãe a viver com os impactos emocionais dessa experiência, o confronto entre a idealização da maternidade e a realidade do cuidado especializado, além do processo de ressignificação e fortalecimento psíquico vivido pelas mães.

A psicologia analítica e o inconsciente coletivo

A psicologia analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung, propõe uma compreensão ampliada da psique humana, articulando dimensões conscientes e inconscientes. Para Jung (2016), o inconsciente não se limita às vivências pessoais reprimidas, mas inclui um nível mais profundo e universal: o inconsciente coletivo e nele se encontram os arquétipos, estruturas simbólicas que orientam a experiência humana e influenciam emoções, percepções e modos de agir.

Os arquétipos não determinam o comportamento, mas fornecem matrizes simbólicas que se atualizam conforme a história de cada indivíduo. Assim, embora universais em essência, suas manifestações são singulares, refletindo cultura, contexto e vivências particulares (Nascimento; Possebon, 2017). Entre essas imagens arquetípicas, o arquétipo materno ocupa posição central, pois está ligado à origem da vida, ao cuidado e às primeiras relações afetivas.

O arquétipo materno e a Grande mãe

O arquétipo materno, na Psicologia Analítica, corresponde a uma imagem primordial presente no inconsciente coletivo e relacionada às experiências universais do cuidado, nutrição, proteção e origem da vida. Para Jung, os arquétipos representam estruturas psíquicas herdadas, padrões de funcionamento e de experiência que organizam a maneira como o ser humano percebe e reage ao mundo. Esses padrões não são conteúdos concretos, mas formas simbólicas que se atualizam em cada sujeito de maneira singular, influenciando emoções, comportamentos e fantasias (Jung, 2016).

Nos textos clássicos de Jung, a imagem arquetípica da mãe apresenta caráter ambivalente, pois inclui tanto a mãe nutridora, protetora e geradora de vida quanto aspectos sombrios, como a mãe devoradora, sufocante ou destrutiva. Essa diferença expressa a dinâmica simbólica que acompanha a experiência humana da maternidade, revelando que o materno não é apenas fonte de aconchego, mas também de desafios, limites e confrontos internos. Seu sentido psíquico, portanto, ultrapassa a mãe biológica, manifestando-se também em figuras mitológicas, culturais, espirituais e em narrativas sociais que moldam a forma como entendemos e vivenciamos o cuidado (Garcia, 2024).

O arquétipo materno é apresentado a partir de uma matriz ainda mais ampla, o arquétipo da Grande Mãe, vinculado às religiões antigas e às representações da Deusa Mãe. O complexo materno deriva justamente dessa matriz arquetípica, que envolve múltiplas manifestações simbólicas relacionadas à fertilidade, criação, nutrição e também destruição e morte simbólica (Jung, 2016; Garcia 2024). Jung enfatiza que compreender o arquétipo não significa buscar sua origem histórica exata, mas observar como essa imagem é vivida, pensada e sentida pelos indivíduos em suas experiências pessoais e coletivas. É a partir dessas vivências concretas que as imagens primordiais ganham forma e influenciam o psiquismo.

Além disso, Jung propõe que a psique humana é estruturada por imagens primordiais herdadas, que são formas típicas de perceber, reagir e simbolizar o mundo. Essas imagens, presentes na espécie desde seus primórdios, moldam a maneira como o indivíduo experimenta e interpreta o materno, tanto em relação à própria mãe quanto no exercício da maternidade (Nascimento; Possebon, 2017).

Assim, o arquétipo materno constitui uma base simbólica que orienta expectativas, vivências emocionais e construções culturais sobre o maternar. Essa base, contudo, nunca atua de forma decisiva, ela oferece possibilidades, não normas. Cada indivíduo atualiza o arquétipo a partir de sua história pessoal, cultura, contexto e condições emocionais, resultando em formas singulares e multifacetadas de vivenciar a maternidade (Gallbach, 1990).

A maternidade como processo de individuação

Jung define o processo de individuação como o caminho de integração das polaridades psíquicas, no qual o indivíduo se torna quem realmente é. A maternidade pode constituir um momento privilegiado desse processo, pois convoca a mulher a integrar dimensões antes menos conscientes, revisitando inclusive sua relação com a própria mãe, suas expectativas e as imagens arquetípicas que orientam sua percepção do maternar. Esse processo pode ser vivido como crescimento ou como conflito interno, dependendo das condições emocionais, sociais e simbólicas que acompanham a mulher (Jung, 2016).

Os autores afirmam que a chegada de um filho, por si só, mobiliza conteúdos profundos do inconsciente, provocando uma espécie de morte e renascimento simbólico: a mulher deixa de ser apenas filha ou mulher para também se tornar mãe, incorporando funções novas e exigentes. Nesse percurso, entram em cena a sombra, os medos, a ambivalência, a fragilidade e a potência (Nascimento; Possebon, 2017).

Embora marcada por sofrimento, a maternidade atípica também pode se tornar um processo de profunda transformação interior. Após o impacto inicial do diagnóstico, muitas mães iniciam um movimento de ressignificação, reconstruindo sentidos e descobrindo novas formas de amar e cuidar. Esse processo é dinâmico, contínuo e envolve integrar aspectos dolorosos da experiência (Garcia, 2024).

A sombra, composta por sentimentos como raiva, ambivalência, exaustão e desejo de fuga, deixa de ser inimiga quando reconhecida, acolhida e compreendida. Nesse ponto, a mãe se aproxima de sua humanidade e de sua totalidade psíquica, permitindo-se ser imperfeita, limitada e real (Garcia, 2024).

Essa integração possibilita o surgimento de um amor mais consciente, menos idealizado e mais profundo. Trata-se de um amor que não nega a dor, mas a transforma, permitindo que a mulher desenvolva resiliência e força emocional. Nessa

jornada, a vulnerabilidade não é sinal de fraqueza, mas parte essencial do crescimento psicológico (Garcia, 2024).

A função da psicologia Junguiana na ressignificação da maternidade

A maternidade atípica, que envolve o cuidado de crianças com desenvolvimento neurodivergente ou deficiência, intensifica todos os aspectos simbólicos da experiência materna. A chegada ou o diagnóstico de um filho atípico rompe o ideal da maternidade perfeita e confronta a mulher com o luto do filho imaginado. (Garcia, 2024 e Souza; Silva, 2025) destaca que esse luto não se refere à perda da criança, mas à perda dos sonhos, expectativas e projeções construídas ao longo da gestação.

Esse processo desencadeia sentimentos profundos de frustração, medo, culpa, impotência e negação, todos pertencentes ao campo da sombra. Muitas mães sentem-se inadequadas ou insuficientes diante das demandas intensas do cuidado, carregando feridas simbólicas em seu arquétipo materno. A sociedade, ao exigir perfeição, contribui para que essas mulheres internalizem culpa e autocrítica, agravando o sofrimento emocional (Garcia, 2024).

Além disso, a maternidade atípica implica desafios concretos: sobrecarga física, rotina exaustiva de terapias, alterações na vida profissional, isolamento social e, muitas vezes, abandono paterno. Esses fatores fortalecem o impacto psíquico e emocional, tornando a experiência materna mais complexa e exigindo uma reorganização profunda da identidade e da vida cotidiana (Bonnás, 2025 e Garcia, 2024).

A psicologia analítica como recurso de acolhimento e transformação

A psicologia junguiana oferece um arcabouço teórico e clínico fecundo para compreender e acompanhar mães de crianças atípicas. Para Jung (2016), o processo terapêutico favorece a integração entre ego e inconsciente, auxiliando o indivíduo a compreender os significados simbólicos das próprias vivências.

No contexto da maternidade atípica, a psicoterapia se torna um espaço de acolhimento, onde a mãe pode expressar sentimentos muitas vezes silenciados pela sociedade: medo, raiva, exaustão e ambivalência. A escuta empática e a interpretação

simbólica ajudam a mulher a ressignificar seu percurso, compreender suas dores e fortalecer sua identidade (Bonnás, 2025 e Souza; Silva, 2025).

Muitas mães quando acompanhadas psicologicamente, conseguem transformar o sofrimento em aprendizado e sentido existencial, aproximando-se de uma vivência materna mais integrada. A clínica, sob esse olhar, não busca eliminar o sofrimento, mas compreendê-lo, simbolizá-lo e transformá-lo, favorecendo o processo de individuação. Assim, a maternidade atípica, embora desafiadora, pode emergir como uma jornada arquetípica de amor, entrega, transformação e reencontro consigo mesma (Garcia, 2024).

Transtornos do neurodesenvolvimento: conceito e características

Os transtornos do neurodesenvolvimento/deficiência são condições que afetam precocemente e a longo prazo o funcionamento global do indivíduo, interferindo em aspectos cognitivos, emocionais, sociais e comportamentais (Brasil, 2016). De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (American [...], 2014), esses transtornos são caracterizados por déficits que se manifestam desde a infância, comprometendo o desenvolvimento esperado e as habilidades adaptativas necessárias para a vida cotidiana.

Segundo dados do Censo 2022 do IBGE, o Brasil conta com aproximadamente 14,4 milhões de pessoas com deficiência, sendo que 2,4 milhões delas receberam o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) (Siqueira, 2023).

As dificuldades decorrentes dos transtornos do neurodesenvolvimento podem se manifestar de forma ampla e contínua, influenciando aspectos educacionais, sociais, laborais e do cotidiano, segundo (Pastorelli; Viana; Benincasa, 2024). Entre os principais transtornos listados pelo DSM-5 estão: a deficiência intelectual, os transtornos da comunicação (de linguagem, fala e comunicação social), os transtornos específicos da aprendizagem (como dislexia, disgrafia e discalculia), os transtornos motores, o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e o transtorno do espectro autista (TEA).

Independentemente do tipo, essas condições exigem constante cuidado, acompanhamento multidisciplinar, adaptações familiares, sociais e educacionais. Muitas vezes, o diagnóstico de um transtorno do neurodesenvolvimento ocorre na

infância, quando a criança começa a demonstrar atrasos ou dificuldades significativas em comparação a outras de sua faixa etária (Kintope; Borges, 2020).

O diagnóstico de um transtorno do neurodesenvolvimento representa um divisor de águas na vida familiar, rompendo expectativas previamente construídas e exigindo uma reestruturação profunda da rotina, das funções familiares e da própria identidade materna. Durante a gestação, é comum que a mãe elabore uma imagem idealizada do filho, permeada por sonhos e projeções; contudo, diante de um diagnóstico inesperado, essa idealização se desfaz, podendo gerar sentimentos de luto, culpa, medo e impotência (Bonnás, 2025).

Essas transformações recaem de forma mais intensa sobre as mães, que, na maioria das vezes, assumem o papel central nos cuidados diários, nos acompanhamentos terapêuticos e na busca por recursos e serviços de apoio (Bonnás, 2025). Além disso, muitas mulheres enfrentam o abandono paterno após a confirmação do diagnóstico, situação que agrava ainda mais a sobrecarga emocional e prática associada ao cuidado (Lourenço, 2020). A intensidade desse contexto pode resultar em níveis de estresse e de cortisol comparáveis aos observados em indivíduos expostos a condições extremas, como cenários de guerra (Souza; Rodrigues; Silva, 2025).

Diante dessa nova realidade, muitas mães precisam renunciar a projetos pessoais, carreira e vida social para atender às demandas do cuidado, o que frequentemente gera sentimentos de esgotamento e solidão. Trata-se de um processo complexo que convoca a mulher a ressignificar sua identidade, reconstruir o papel materno e lidar simultaneamente com desafios relacionados ao cotidiano, às demandas institucionais e à falta de suporte, vinculados às dimensões psíquicas, simbólicas e emocionais envolvidas nesse percurso. (Kintope; Borges, 2020 e Souza; Silva, 2025)

A maternidade atípica: conceito e desafios

O termo “mães atípicas” é utilizado para mães de pessoas que apresentam algum tipo de atraso no desenvolvimento. A expressão maternidade “atípica” tem sido utilizada para descrever a experiência de mães de crianças que apresentam desenvolvimento diferente do considerado típico para a faixa etária, conforme (Viana; Benincasa, 2023; Bonnás, 2025). Ao empregar o termo “atípico”, busca-se reconhecer

a diversidade e a singularidade das trajetórias dessas mães e de seus filhos, sem reforçar rótulos ou estigmas (Souza; Silva, 2025).

Diferente da maternidade tradicional, que tende a ser idealizada socialmente como fonte de plenitude e realização, a maternidade atípica inclui desafios emocionais, sociais e existenciais profundos (Pastorelli; Viana; Benincasa, 2024). Pesquisas apontam que entre as principais dificuldades vivenciadas por mães de crianças neurodivergentes destacam-se o estresse e a depressão, sendo que o enfrentamento dessas dificuldades depende, em grande medida, das redes de apoio e das intervenções terapêuticas disponíveis. Entre os fatores que intensificam esse sofrimento materno estão a sobrecarga física e emocional decorrente dos cuidados diários e das múltiplas terapias, o isolamento social e o afastamento de atividades profissionais, a dificuldade de encontrar espaços de escuta e acolhimento, bem como sentimentos recorrentes de culpa e de inadequação frente ao ideal social de boa mãe. (Souza; Silva, 2025).

A literatura também evidencia a importância das redes de apoio, tais como familiares, amigos e profissionais, como estratégias de enfrentamento. Destacam que quanto mais eficiente for o suporte recebido, maior será a autoconfiança das mães e melhor a qualidade de vida familiar, em especial para a criança neurodivergente (Bonnás, 2025).

A maternidade atípica, portanto, demanda não apenas um olhar clínico ou assistencial, mas também uma compreensão psicológica e simbólica. É nesse ponto que a psicologia analítica de Carl Gustav Jung oferece uma contribuição valiosa, ao reconhecer a dimensão arquetípica da maternidade e os processos de transformação psíquica que acompanham o tornar-se mãe (Garcia, 2024).

Assim, compreender a maternidade atípica sob a ótica junguiana significa ir além do sofrimento e das demandas práticas, é reconhecer o potencial de ressignificação e de crescimento interior que emerge do encontro com a realidade, com o inconsciente e com o arquétipo da mãe. Para a psicologia junguiana, o reconhecimento e a elaboração desses afetos são passos essenciais no processo de individuação, pois a integração da dor e da vulnerabilidade permite à mãe transformar o sofrimento em autoconhecimento e sentido existencial (Jung, 2016).

O processo de ressignificação diante da maternidade atípica

Viver a maternidade em contextos atípicos implica atravessar experiências intensas, muitas vezes marcadas pela frustração, pela quebra de expectativas e pelo desafio de reconstruir a própria identidade. Diante do diagnóstico de um transtorno do neurodesenvolvimento no filho, a mãe é confrontada com um cenário que exige novas formas de compreender a vida, o amor e o cuidado (Bonnás, 2025).

A literatura aponta que, embora esse momento traga sofrimento, ele também pode ser o início de um processo de ressignificação. (Souza; Silva, 2025) destacam que, após o impacto inicial do diagnóstico, muitas mães iniciam um caminho de reconstrução de sentido, passando a perceber o cuidado como um ato de amor transformador e não apenas como obrigação. Essa mudança de perspectiva permite que o sofrimento seja reconhecido, acolhido e gradualmente integrado à experiência de ser mãe.

Segundo as autoras, o processo de ressignificação da própria história e das experiências vividas favorece o fortalecimento interno e a construção de novas formas de enfrentamento (Benincasa; Viana, 2023). Essa transformação simbólica é uma das chaves para compreender o amadurecimento emocional e psíquico das mães atípicas, especialmente quando observada à luz da psicologia junguiana.

A jornada simbólica da mãe atípica

Sob a ótica da psicologia analítica, a maternidade atípica pode ser compreendida como uma jornada arquetípica de transformação — um percurso de morte e renascimento simbólico, semelhante ao que (Jung, 2016) descreve no processo de individuação.

O nascimento de uma criança com desenvolvimento atípico rompe o ideal da mãe perfeita e da família idealizada, confrontando a mulher com a realidade e com sua própria sombra. Essa experiência pode despertar sentimentos profundos de inadequação, impotência e culpa, mas também oferece a oportunidade de se aproximar de aspectos autênticos e integrais do self (Garcia, 2024).

Jung afirma que o processo de individuação consiste em tornar-se quem se é, integrando as polaridades da psique: consciente e inconsciente, luz e sombra, persona e self. Na maternidade atípica, essa integração acontece por meio do encontro com o inesperado e com o diferente. A mulher é convidada a rever suas

crenças, redefinir o que é ser mãe e encontrar novos significados para o amor e o cuidado (Garcia, 2024).

Semelhante ao mito de Deméter, que desce ao mundo subterrâneo em busca da filha raptada. Essa descida representa o contato com a dor, mas também com a força interior, a sabedoria e a capacidade de regeneração. De modo semelhante, a mãe atípica encontra no amor ao filho uma fonte de transformação, que a conduz ao reencontro consigo mesma (Jung, 2016).

O papel da sombra e da aceitação no caminho da individuação

No processo de individuação, um dos elementos mais importantes é o encontro com a sombra, os aspectos inconscientes da personalidade que a consciência tende a rejeitar ou negar. Para muitas mães atípicas, a sombra se manifesta por meio de sentimentos que socialmente são considerados “inadequados” à maternidade, como raiva, medo, frustração ou desejo de fuga (Garcia, 2024).

A sombra não é negativa em si, mas representa conteúdos que precisam ser reconhecidos e integrados para que haja crescimento psíquico. Assim, quando a mulher reconhece suas limitações e permite-se sentir sem culpa, ela se aproxima da totalidade (Jung, 2016).

A aceitação do filho real, com suas particularidades, é também um espelho para a aceitação de si mesma. Nesse sentido, o processo psicoterapêutico torna-se um espaço privilegiado para esse reconhecimento, pois possibilita que as mães expressem e elaborem o que muitas vezes é silenciado pela sociedade (Bonnás, 2025).

Souza e Silva (2025) apontam que o acompanhamento psicológico é essencial nesse percurso, pois auxilia as mães a ressignificar suas experiências e a elaborar novas estratégias de enfrentamento emocional. Por meio da escuta e da compreensão simbólica, a psicoterapia favorece o fortalecimento do ego e a integração dos conteúdos inconscientes, permitindo que a mulher encontre sentido e equilíbrio mesmo em meio às adversidades.

O despertar do Self e a transcendência do amor materno

Para Jung, o Self representa o centro e a totalidade da psique — o ponto de integração entre o consciente e o inconsciente, símbolo de plenitude e realização interior. O processo de individuação resulta no despertar do Self, quando o indivíduo reconhece sua própria essência e se reconcilia com a vida tal como ela é (Jung, 2016).

Na maternidade atípica, o despertar do Self pode ser simbolizado pelo momento em que a mãe passa a enxergar o filho não como uma extensão de si ou um ideal frustrado, mas como um ser único, com valor e propósito próprios. Essa percepção transforma o vínculo materno em um amor mais profundo e transcendente, um amor que acolhe a imperfeição e encontra beleza na diferença (Garcia, 2024).

Benincasa e Viana (2023) destacam que, nesse processo, o sofrimento vivido no início, cede lugar à descoberta de um amor mais consciente, menos idealizado e real. Trata-se de uma maternidade que não nega a dor, mas a integra como parte do crescimento emocional e espiritual.

Assim, a maternidade atípica, quando vivida e elaborada sob a perspectiva simbólica, torna-se um caminho de individuação. Nela, a mulher se depara com sua força e vulnerabilidade, com o amor e o medo, com o limite e a superação, e, ao integrar essas polaridades, aproxima-se da sua totalidade psíquica (Jung, 2016 e Garcia, 2024).

A psicologia junguiana como via de resignificação

A psicologia junguiana oferece uma via de compreensão e acolhimento para o sofrimento materno, permitindo que ele seja visto não como patologia, mas como uma experiência de transformação simbólica. O terapeuta, nesse contexto, atua como mediador da jornada psíquica da mãe, auxiliando-a a compreender os significados ocultos de suas vivências e a dar novo sentido à dor (Bonnás, 2025).

Através do processo terapêutico, a mãe é encorajada a reconhecer a sua humanidade, com suas falhas, medos e contradições, e a resgatar o contato com o Self. A escuta empática e o diálogo simbólico promovem a reconstrução de uma narrativa interna mais integrada, onde o amor e o sofrimento coexistem sem anular um ao outro (Garcia, 2024).

Dessa forma, a psicologia analítica contribui não apenas para a compreensão clínica da maternidade atípica, mas também para a valorização de sua dimensão espiritual e simbólica. Ser mãe de uma criança atípica, sob esse olhar, é tornar-se

guardiã de um vínculo profundo que transcende o ideal e se enraíza na essência da vida (Garcia, 2024).

As intervenções terapêuticas são fundamentais para o cuidado emocional dessas mães, permitindo que reconstruam suas trajetórias para além das demandas maternas. Não se pode pensar em um atendimento adequado às crianças com neurodivergência sem, simultaneamente, oferecer suporte a suas mães. Por isso, suas vivências devem ser consideradas, valorizando a singularidade da maternidade atípica (Lourenço, 2020 e Souza; Silva, 2025).

Considerações Finais

A maternidade atípica configura-se como um território psíquico e existencial complexo, no qual se entrecruzam desafios, renúncias e constantes exigências de reorganização interna e externa. Ao mesmo tempo, esse percurso revela possibilidades de descoberta e transformação, especialmente no modo como a mulher redefine sua relação consigo mesma e com o materno.

A perspectiva da psicologia junguiana oferece uma compreensão ampliada dessa vivência, especialmente por meio dos arquétipos materno e da Grande Mãe. Esses símbolos coletivos, que representam cuidado, proteção, força e criatividade, não se manifestam de forma homogênea; ao contrário, atualizam-se de acordo com a história pessoal, o contexto sociocultural e as condições emocionais de cada mulher. Assim, a maternidade atípica não deve ser comparada a modelos idealizados, mas reconhecida como uma expressão legítima, singular e complexa da experiência materna.

Diante disso, torna-se essencial validar as vivências dessas mães e promover intervenções psicológicas sensíveis, capazes de acolher suas demandas, sustentar processos de elaboração emocional e favorecer a construção de novos sentidos para seu cotidiano. Ao oferecer um espaço clínico que reconheça tanto as dificuldades quanto os potenciais de transformação presentes nessa jornada, contribui-se para que essas mulheres encontrem caminhos mais autênticos, fortalecidos e integrados em sua relação com a maternidade.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BENATTI, A. P. *et al.* A maternidade em contextos de vulnerabilidade social: papéis e significados atribuídos por pais e mães. **Interação em Psicologia**, v. 24, n. 2, p. 130-141, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/morae/Downloads/aascaduto,+Revista+de+Psicologia+-+Artigo+03+-+14-08.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2025.

BONNÁS, M. S. **Mães atípicas**: a maternidade que ninguém vê. Caieiras: Editora Gente, 2025.

BRASIL. Ministério da Justiça e Cidadania. Secretaria Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência**. Brasília: 2016. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/Oficina%20PCF/JUSTI%C3%87A%20E%20CIDADANIA/convencao-e-lbi-pdf.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

CRISOSTOMO, K. N.; GROSSI, F. R. S.; SOUZA, R. S. As representações sociais da maternidade para mães de filhos/as com deficiência. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande, v. 11, n. 3, p. 79-96, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2019000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 7 abr. 2025.

GALLBACH, Marion Rauscher. **Arquétipo materno na gravidez**: um estudo de temas oníricos na abordagem junguiana. 1990. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. Acesso em: 20 nov. 2025.

GARCIA, N. V. M. **Maternidade atípica**: Psicologia Junguiana como suporte para a ressignificação da vivência com filhos autistas. 2024. Monografia (Formação Membro Analista) – Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa, São Paulo, 2024.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2016. 695 p.

KINTOPE, L. O.; BORGES, R. S. Empoderando mães atípicas: um estudo de campo sobre a importância da autoestima na maternidade atípica. **Journal of Media Critiques**, [S. l.], v. 6, n. 18, p. 21–36, 2020. DOI: 10.17349/jmcv6n18-002. Disponível em: <https://journalmediacritiques.com/index.php/jmc/article/view/28>. Acesso em: 2 nov. 2025.

LOURENÇO, T. Luta de mães de crianças autistas é marcada pela dor do abandono. **Jornal da USP**, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/luta-de-maes-de-criancas-autistas-e-marcada-pela-dor-do-abandono/>. Acesso em: 16 nov. 2025.

MATERNIDADE. *In*: **DICIONÁRIO brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/maternidade/>. Acesso em: 1 abr. 2025.

PASTORELLI, S. O. S.; VIANA, C. T. S.; BENICASA, M. G. Maternidade atípica: caracterização do sofrimento e seus enfrentamentos. **Revista Acadêmica Online**, [S. l.], v. 10, n. 50, p. 1–21, 2024. Disponível em: <https://revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/6>. Acesso em: 6 abr. 2025.

SIQUEIRA, B. Censo 2022 identifica 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo no Brasil. **Agência de notícias IBGE**, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43464-censo-2022-identifica-2-4-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-no-brasil>. Acesso em: 15 nov. 2025.

SOUZA, L. V. V.; SILVA, A. A. Os desafios da maternidade atípica: explorando a intervenção terapêutica para o processo de ressignificação na vida da mulher. **Revista Faculdades do Saber**, v. 10, n. 24, p. 658-670, 2025. Disponível em: <https://rfs.emnuvens.com.br/rfs/article/view/327/244>. Acesso em 08 nov. 2025.

VIANA, C. T. S.; BENICASA, M. Maternidade atípica: termo e conceito. **Revista Acadêmica Online**, v. 9, n. 46, p. 1-13, jul./ago., 2023. Disponível em: <https://www.revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/299/440>. Acesso em: 2 abr. 2025.